

## HISTÓRIAS DE VIDA COMO IMAGENS DE SI

Carla do Espírito Santo Xavier<sup>1</sup>

Aqui, nesta comunicação, pretendo trazer à discussão o projeto de pesquisa de Mestrado que visa refletir acerca das identidades e trajetórias de mulheres negras do Centro de Giro Caboclo Boiadeiro (Candomblé Angola), em Teodoro Sampaio – Bahia. Neste sentido, uma questão fundamental é refletir sobre de que modo a experiência religiosa, através de rituais, mitos e arquétipos fundamentam as identidades e trajetórias destas mulheres no contexto social. Analisando como as suas narrativas de vida se entrecruzam e se reverberam na vida cotidiana enquanto atores sociais.

Todo processo de pesquisa é um ato de busca, de procura, de entendimento, de algo que nos é desconhecido, mas é difícil pesquisar algo que não tenha significância em nossa vida, pois nossos projetos nascem de nossas inquietações, de nossas projeções e reinvenções. Trata-se de uma pesquisa que sofreu um deslocamento durante o primeiro semestre do Mestrado em Pós-crítica. A princípio tinha o interesse de refletir as influências advindas do espaço escolar nas identidades das mulheres negras que transitaram por esse lugar. Mas com as discussões relativas aos objetos de pesquisas no campo da Crítica Cultural e o desafio provocado pela pesquisa do meu orientador, resolvi fazer esse movimento para refletir sobre as mulheres negras que estão envolvidas no Candomblé Angola.

A *priori* o deslocamento se justificava pela tentativa de buscar uma sintonia com meu orientador, mas aos poucos percebi que existe algo presente nas minhas inquietações visitadas no meu passado ao lembrar de minha vó que fazia festa para Santa Bárbara em sua casa, minha atual casa. Isso posto, existem lembranças e memórias de uma mulher guerreira, corajosa e que protegia os seus sempre norteando minhas inquietações.

Partindo da referência familiar e teóricas far-se-á relevante reiterar o questionamento que se coloca no início do texto, a saber: de que modo a experiência religiosa, através de rituais, mitos e arquétipos fundamentam as identidades e trajetórias destas mulheres no contexto social? Em que medida as narrativas elaboradas pelas mulheres negras sobre seu próprio corpo, aciona a memória étnica, racial e cultural e questionam as hierarquias de raça e gênero provocadas pela sociedade em que estão inseridas? De que forma essas mulheres se percebem e como suas narrativas se cruzam?

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural do Programa de Pós-Crítica – UNEB, Campus II. Email: carlabebe@hotmail.com.

Diante disso, faz-se necessário a incorporação de teóricos que imprimam rigor a pesquisa. Para tanto, a abordagem de gênero terá como base as noções trazidas por Joan Scott (1989), quando elucida sobre o conceito de gênero como constructo social, ou seja, homens e mulheres são resultados da realidade social e não a decorrência da anatomia. Essa escolha me permite abandonar a explicação de que a natureza é a grande propulsora das diferenças existentes entre homens e mulheres.

Nesta pesquisa opto por abordar a identidade dentro de uma perspectiva cultural. A identidade cultural é construída a partir da dinâmica da visão que temos de nós mesmos, *o eu* e também de como nos veem, *o outro*. Por isso, a identidade não é algo estático, fruto do isolamento de grupos e sociedade, mas se fundamenta na interação do indivíduo com o meio em que está inserido, segundo os argumentos de Nilma Lino Gomes (2005).

Desse modo, a identidade é um processo constante de construção e reconstrução, aceitação e rejeição, que se prolonga durante toda a vida. A identidade se constitui nas particularidades do grupo, evidenciando-se pela história, experiência, cultura, religião dentre outros aspectos, que necessariamente, não são iguais ao modo de ser de outros grupos. Contudo, ainda é comum que grupos com ancestralidade africana sofram discriminação por assumir sua identidade etnicorracial, o que nos revela a necessidade de mediações e intervenções, no âmbito da sociedade.

A abordagem sobre identidade está balizada nos fundamentos teóricos de Stuart Hall (1992), uma vez que nos permite estabelecer o diálogo entre o sujeito e a sociedade, refletindo sobre os impactos das relações que estabelecem com a construção das identidades. A leitura, discussão e compreensão dos textos do autor não poderiam ficar excluídos numa pesquisa que se destina a estudar o corpo individual e social e que de muitas formas diz-se pertencer ou não a determinado grupo, lugar e estado. A mulher nos espaços que habita e sujeito social é influenciada por suas relações apropria-se de valores, sentidos e símbolos estando presentes aí a cultura.

Ademais, a cultura popular, escamoteada pela cultura das elites, tem sido manipulada pelas burocracias culturais que se apropriam das memórias, narrativas e representações fazendo-as perderem a força de resistência popular marginalizada. Aqui, queremos ouvir as narrativas e acionar as memórias das mulheres negras para percebermos o quanto o terreiro foi/é importante para construção de sua identidade.

A memória é um espaço de reconstrução da identidade, pois nela estão guardados registros do passado que ao serem acionados podem ajudar no processo de reconstrução da identidade do sujeito, se constituindo também como uma forma de resistência. A memória é uma forma de resistência, já que ela traz à tona lembranças e a possibilidade de preencher lacunas antes não vistas.

No texto *Políticas da Memória e Técnicas do Esquecimento*, Nelly Richard (1999) faz uso do processo de pós-ditadura no Chile para refletir sobre a importância e o perigo da memória, já que esta pode nos levar a reinterpretar o passado desfazendo e refazendo seus nós, remexendo seus dados para gerar novas significações.

A memória é uma força subjetiva que ao mesmo tempo é profunda e ativa, latente, penetrante, oculta e invasora. A memória é o movimento de deixar vir à tona, lembrar-se. A propósito, Angélica Soares (1999) salienta que o passado é revisto a partir da antecipação do futuro, unindo o começo e o fim. Para Soares “a memória põe-nos em contato, consciente ou inconsciente, com o sentido unitário no tempo, que governa nosso ser-no-mundo” (SOARES, 1999, p. 98).

A memória pode ser reconstituída por meio de dois vieses: coletivo e individual. Para compreendermos melhor como isso acontece Angélica Soares cita Marilena Chauí no texto *Memória Poética Feminina: Hierarquia em Questão*, tendo a compreensão de que os modos lembrar é individual e coletivo.

Diante do exposto, o intuito da pesquisa é refletir sobre as narrativas individuais, mas percebendo onde essas memórias se cruzam. Nesse bojo, compreendemos que ao negro, à mulher negra contemporaneidade, ainda são impostos uma série de obstáculos sociais, derivados do preconceito e discriminação a eles impostos pelo princípio e práticas instituídas pela desigualdade racial. Pelos seus impactos na humanidade e direitos desses sujeitos precisam ser estudadas e analisadas para serem superados, Assim, os textos de Nilma Lino Gomes (2002, 2005, 2008), Stuart Hall (1992), Nelly Richard (1999), Osmar Moreira (2002) e outros pesquisados que se debruçam sobre a negritude tem sido de extrema importância na reflexão do tema.

Objetivando imprimir à pesquisa um rigor metodológico, defino-a como sendo de natureza qualitativa com inspiração etnográfica, pois terá o ambiente social como sua fonte direta de dados, além de possuir um caráter descritivo e valorizar o significado que os seus colaboradores darão às coisas e às suas vidas. Para isso, o presente estudo utilizará o método (auto) biográfico da história de vida com ênfase nas narrativas memorialísticas das mulheres negras que farão parte da pesquisa, a saber: mãe de santo, mãe pequena e Yao.

Este método será de extrema importância para esta pesquisa porque esta se caracteriza por um compromisso com a história como processo de rememorar, na qual o sujeito revisita a sua vida. Dessa forma, é notório que o processo memorialístico é de suma importância para as reflexões implícitas nessa pesquisa. O método em questão permitirá a observação dos indivíduos por meio de uma articulação decididamente singular e complexa da dimensão cultural com contribuições substanciais na aproximação do pesquisador com os sujeitos pesquisados.

Algo preponderante é o diálogo que o pesquisador deve estabelecer com os sujeitos da pesquisa, interrogando-os e, ao mesmo tempo, se deixando interrogar por suas narrações, por suas vidas, numa perspectiva de escuta sensível.

Contudo, para que haja efetivação faz-se necessário uma esteira teórica, usaremos a pesquisa bibliográfica a partir de leituras voltadas para uma epistemologia que elucide e discuta teórico e conceitualmente as noções de identidade cultural, sociologia do corpo, construção de gênero, relações etnicorracial e Candomblé Angola que poderão contribuir para a análise dos dados coletados.

No que diz respeito a coleta de dados, será feita a partir do uso de narrativas de vida das mulheres negras do Centro de Giro, observação das mulheres dentro e fora do espaço religioso, além de outras fontes de interlocução e informação que se nos apresentem no percurso dessa investigação que poderão possibilitar uma maior visão do objeto de estudo que é: os saberes do Candomblé Angola nas construções identitárias da mulher negra de Teodoro Sampaio e apropriação desses saberes nas reinvenções do cotidiano.

Saliento que, possivelmente, me apropriarei de outra técnica de coleta de dados, o ateliê autobiográfico onde tematizarei o corpo. Nesses encontros as mulheres terão oportunidade de ouvir as histórias de si e das suas companheiras de axé a partir das narrativas dos próprios corpos; além disso, falarão dos seus saberes, do seu encontro nas histórias e dos seus ancestrais e desta forma, construirão suas narrativas autobiográficas.

Nesses encontros que recebem o nome de ateliês biográficos de projetos, as colaboradoras irão construindo textos orais e escritos até que possam elaborar a sua narrativa autobiográfica, visto que a partir das escritas de suas histórias, elas refletirão sobre si.

Contudo, faz-se necessário dizer que as histórias de vida da pesquisa começam com a revisão da minha própria história. Visto que, como pesquisadora-pessoa<sup>2</sup>, apareço de maneira muito evidente em toda pesquisa, expondo minha singularidade enquanto escritora, mas mantendo uma certa distância dos sujeitos da pesquisa. Enfim, para consecução do trabalho o campo de pesquisa será no Centro de Giro Caboclo Boiadeiro situado à rua J.J Seabra (alto de Dez Réis ), localizada no município de Teodoro Sampaio/BA.

Traçarei a seguir um desenho dos passos iniciais da pesquisa: a) apresentação do projeto à Mãe de Santo do Centro de Giro Caboclo Boiadeiro; b) mapear as mulheres do terreiro e escolher as que farão parte da pesquisa; c) marcar encontros individuais para conversas, bate-papos, entrevistas

---

<sup>2</sup> Expressão usada pela Professora Mestre Áurea Pereira

de caráter exploratório; c) tomar conhecimento dos documentos e fotos do Centro; d) conhecer a vida cotidiana dessas mulheres nos espaços da comunidade ( trabalho, associação, posto médico, residência, família, amigos, trabalho, lanchonetes, mercearias e etc); registro fotográfico e fílmico; e) registros das festas no Centro, observando e descrevendo os eventos e práticas corpóreas, bem como suas funções hierárquicas; f) organizar um grupo focal para construir um ateliê (auto)biográfico; g) realizar entrevistas narrativas com as mulheres; h) textualizar as entrevistas narrativas, biografizando-as; i) marcar encontros para leitura das narrativas (auto)biográficas; j) registros dos comentários das narrativas no processo de interlocução.

Portanto, a presente pesquisa se localiza muito intimamente com a proposta do Mestrado em Crítica Cultural, pois consegue trazer para cena grupos historicamente relegados, silenciados pelas estratégias hegemônicas que impõem a invisibilidade. Além de se alinhar com a linha 3 Narrativas, Testemunhos e Modos de Vida que permite ouvir as vozes a partir dos textos de vida.

## REFERÊNCIAS

- BALIBAR, Etienne. *A Forma Nação: história e ideologia*. 1990.
- BRETON, David Le. *A Sociologia do Corpo*. 2 ed. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HALL, Stuart. *A Identidade na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Editora DP&A, 1992.
- JOSSO, Marie-Christine. *Abordagem Biográfica em Situações Educativas: formação de si*. Presente! Revista de Educação: jun/ago.2007.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão. In: *Educação anti-racista. Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: 2005.
- GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? In: *Revista Brasileira de Educação*. Set/Out/Nov/Dez 2002.
- RICHARD, Nelly. Políticas da Memória e Técnicas do Esquecimento. In: MIRANDA, Wander Melo (Org). *Narrativas da Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, v. II, p. 139-144.
- SOARES, Angélica. Memória poética feminina: hierarquias em questão. In: RAMALHO, Christina. (Org). *Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 97-105.

